

## **A malhação do Judas à luz da Folkcomunicação: contextualização, simbologia, classificação e análise de notícias**

*Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho<sup>1</sup>*

**Submetido: 11/07/2024**

**Aceito: 25/09/2024**

### RESUMO

As celebrações da Semana Santa no Brasil começam no Domingo de Ramos e terminam com o Domingo de Páscoa, relembrando a crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Nesse período, ocorre a malhação do Judas, onde um boneco simbolizando Judas Iscariotes é punido pela comunidade. Este artigo, sob a perspectiva da Folkcomunicação, investiga as origens e a ressignificação dessa prática, analisando notícias do jornalismo digital do Norte e Nordeste brasileiro. A pesquisa exploratória utiliza métodos bibliográficos e documentais, além da análise de matérias jornalísticas de 2024 dos portais O Povo (CE), O Liberal (PA) e Folha BV (RR).

### PALAVRAS-CHAVE

Malhação do Judas. Semana Santa. Cultura popular. Folkcomunicação. Jornalismo.

**The Judas' maul from the perspective of Folkcommunication:  
contextualization, symbolism, classification and analysis of news.**

### ABSTRACT

The Holy Week celebrations in Brazil begin on Palm Sunday and end on Easter Sunday, remembering the crucifixion, death and Resurrection of Jesus Christ. During this period, the Judas' maul [As a specific cultural custom of the Brazilian population, there is no specific expression in English for "Malhação de Judas"] takes place, when a male doll symbolizing Judas Iscariot is severely punished by the crowd. This article, from the perspective of Folkcommunication, investigates the origins and redefinition of this practice, analyzing digital journalism news from the North and Northeast of Brazil. The exploratory research adopts bibliographic and documentary methods, in addition to the analysis of journalistic articles from 2024 from the portals "O Povo" (Ceará); "O Liberal" (Pará) and "Folha BV" (Roraima).

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

## KEY-WORDS

The Judas' maul. Holy Week. Folkcommunication. Popular culture. Popular communication. Journalism.

## **El martirio de Judas en la perspectiva de la Folkcomunicación: contextualización, simbolismo, clasificación y análisis de noticias.**

## RESUMEN

Las celebraciones de la Semana Santa en Brasil comienzan el Domingo de Ramos y terminan con el Domingo de Resurrección, reviviendo la crucifixión, muerte y Resurrección de Jesucristo. Durante este período tiene lugar el azote de Judas [Como costumbre cultural específica del pueblo brasileño, no existe una expresión específica en español para “Malhação de Judas”], cuando la comunidad castiga a un muñeco que simboliza a Judas Iscariote. Desde la perspectiva de la Folkcomunicación, este artículo estudia los orígenes y la redefinición de esta práctica, analizando noticias del periodismo digital del Norte y Nordeste de Brasil. La investigación exploratoria utiliza métodos bibliográficos y documentales además del análisis de artículos periodísticos del año de 2024 de los portales digitales “O Povo” (Ceará); “O Liberal” (Pará) y Folha BV (Roraima).

## PALABRAS-CLAVE

El martirio de Judas. Semana Santa. Folkcomunicación. Cultura popular. Comunicación popular. Periodismo.

## Aspectos introdutórios

A Páscoa, termo que deriva das palavras “Pesach”, do hebraico; “Pascha”, do latim; e “Paskha”, do grego, é uma comemoração tradicional cristã que relembra a crucificação, a morte e a ressurreição de Cristo, aspectos particularmente importantes para os fiéis porque permite a revisitação ao ato de Cristo, que, em sacrifício, salvou a humanidade dos pecados e ofertou-lhes a perspectiva de uma nova vida.

Como festa móvel, o período da Páscoa – ou, popularmente, “Semana Santa” - é conhecido a partir da definição da data do “domingo de Páscoa”, que acontece no primeiro domingo após a primeira lua cheia que se verifica a partir do equinócio da primavera (no

hemisfério Norte) ou do equinócio do outono (no hemisfério Sul). Pondera-se, porém, que a data dessa lua cheia é definida nas tabelas eclesiásticas desde que o Conselho de Niceia, no ano 325 d.C, relacionou o estabelecimento da Páscoa a uma Lua imaginária, conhecida, assim, como a “Lua Eclesiástica”). Em termos práticos, pode-se dizer que a Páscoa ocorre 47 dias depois da terça-feira de carnaval.

De acordo com Manfred Lurker (2003), a origem da Páscoa tem duas raízes, uma pagã e outra judaica. Para os pagãos, era uma comemoração da primavera, com cultos e ritos associados aos ciclos lunares e solares, celebrando, então, a entrada de um ano novo. Os judeus, por sua vez, relembram a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito, liderado por Moisés. A Páscoa judaica relembra a passagem do anjo da morte durante a execução da décima praga do Egito. Exatamente por isso, a Páscoa para os judeus é chamada de “Pesach”, “passagem” em português.

Embora guarde conexão com a festa judaica, a Páscoa dos cristãos católicos possui elementos simbólicos próprios. A Semana Santa inicia-se no Domingo de Ramos, que simboliza o retorno de Jesus para a cidade Jerusalém; passa pela Quinta-feira Santa, quando se recorda a Última Ceia de Cristo com seus discípulos; pela Sexta-feira Santa, com a lembrança da crucificação e morte de Cristo no Calvário; pelo Sábado de Aleluia, dia após a morte de Cristo; e termina no Domingo de Páscoa, quando se recorda a ressurreição do Salvador.

Segundo a narrativa bíblica, na Última Ceia, Cristo se reuniu com seus discípulos e com eles participou da ceia pela última vez. A morte do Salvador, a partir dessa narrativa, aconteceu após ele ter sido preso no Getsêmani, vítima da traição de Judas Iscariotes. Levado a julgamento, Cristo foi condenado, torturado e crucificado em uma colina conhecida como gólgota.

É exatamente no contexto da Semana Santa que a prática popular da malhação do Judas, ou “queimação do Judas”, ainda acontece na atualidade. A partir da confecção de um boneco, a tradição se dá no Sábado de Aleluia, por meio de uma surra dada no boneco, que originalmente simboliza Judas Iscariotes, mas que, nos dias atuais, com ressignificação da prática, pode simbolizar desafetos das comunidades que a praticam, como alguns políticos.

Estudiosos dessa temática, a exemplo de Ático Vilas-Boas Mota (1981) e Veiga de Oliveira (1998), fornecem elementos que auxiliam a articulação de fundamentos teórico-

empíricos para melhor entendimento da relação entre a Semana Santa e a malhação do Judas. Sendo a Páscoa um período de renascimento, de vida nova com a ressurreição de Jesus Cristo, torna-se uma época adequada para a morte de alguém que personifique o mal e sentimentos a ele associados, como ganância, traição e covardia. O sacrifício do apóstolo que traiu Jesus é, portanto, um meio a que se recorre para que o mal dê lugar à ideia de esperança renovada.

Nesse cenário, o presente artigo objetiva refletir sobre a prática da malhação do Judas, abrindo possibilidades para se observar, no âmbito dos ritos próprios da Semana Santa e por meio do estudo de notícias veiculadas pelo jornalismo digital do Norte e Nordeste brasileiro, o processo de ressignificação dessa manifestação da cultura popular, apropriada por diversas comunidades como um meio de “malhar” seus desafetos, situando-a no contexto dos estudos da Folkcomunicação. Nesse ponto, preocupa-se em incluí-la entre as tipologias folkcomunicacionais, destacando-a como meio encontrado por populares para expressar suas mensagens, críticas e reivindicações.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de estudo exploratório, uma vez que, além de trabalhar objeto que apresenta lacunas do ponto de vista da produção de conhecimento científico, persegue finalidades elencadas por Andrade (2002): a) proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; b) facilitar a delimitação do tema de pesquisa; c) descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto.

Para concretização dos objetivos propostos, optou-se por pesquisa bibliográfica e documental, além da análise de matérias jornalísticas que noticiaram a malhação do Judas em três estados brasileiros durante a Semana Santa de 2024, iniciada com o Domingo de Ramos (24 de março) e concluída com o Domingo de Páscoa (31 de março). As matérias foram extraídas de três portais integrantes de grupos de mídia do Ceará, do Pará e de Roraima - a) O Povo (Fortaleza – CE); b) O Liberal (Belém – PA) e c) Folha BV (Boa Vista – RR) -, nos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.opovo.com.br/>; <https://www.oliberal.com/>; <https://www.folhabv.com.br/>.

É mister destacar, ainda, que a figura de Judas Iscariotes tem sido motivo de controvérsias na cultura ocidental, encontrando-se, inclusive, questionamentos acerca da afirmação de ter sido Yehudhah ish Qeryoth – o Judas – o apóstolo traidor de Jesus. Para além da narrativa bíblica, os debates em torno da identidade do apóstolo permanecem e se reacendem em tempos de Páscoa, inclusive com matérias jornalísticas a esse respeito, a

exemplo de texto intitulado “Traidor de Jesus, Judas permanece um mistério”, publicado na Folha de S. Paulo em 29 de março de 2024, por Reinaldo José Lopes (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/03/traidor-de-jesus-judas-permanece-um-misterio.shtml>).

Extraí-se desses debates elementos que apontam para a relação que a cultura popular estabelece entre a figura bíblica do apóstolo Judas e o sujeito social escolhido para representá-lo na prática da malhação enquanto manifestação de um grupo social. Sendo o apóstolo tido como um homem ganancioso, desleal e traidor, tais características são buscadas na figura que metaforicamente será executada no costume popular.

[...] o imaginário popular o vê não apenas como aquele que vendeu o seu próprio mestre por trinta siclos, mas também como alguém que personifica a própria ganância, traição, covardia e remorso. [...] seu personagem transforma-se em um boneco emblemático que representa um dilema moral universal, sentimentos e valores que expressam o conflito e a tensão entre as condutas exemplares e as fragilidades humanas. Por personificar esta tensão social a nível coletivo, o Judas e sua malhação podem ser apresentados como um plano metafórico da própria dinâmica social das comunidades que o praticam. (Mendes, 2007, p. 23-24).

Dessa forma, este artigo não se propõe a gerar polêmicas no âmbito religioso, como não se prende a concordar ou discordar de passagens bíblicas, nem tampouco se centra na difusão da fé católica ou em sua crítica. Levando-se em conta a constante transformação dos processos culturais em sociedade, volta-se a entender a malhação do Judas no bojo da teoria folkcomunicação, a ofertar elementos no sentido de possibilitar percepções de dinâmicas, sentidos e lógicas internas da manifestação em foco, observando-se as apropriações, por parte da cultura popular, do significado de Judas Iscariotes no contexto bíblico e a capacidade de sua simbolização pelas comunidades na atualidade.

Os objetivos traçados se justificam a partir da necessidade de contribuir, do ponto de vista da produção do conhecimento nessa área, com uma temática da cultura popular ainda pouco explorada, como registra Mendes (2007), em áreas como a Comunicação e a Antropologia.

O artigo oferece, inicialmente, explanação sobre manifestações da cultura popular. Em um segundo momento, recupera essas práticas no período da Semana Santa e, em seguida,

analisa a malhação do Judas enquanto expressão da Folkcomunicação e os conteúdos de notícias extraídas do jornalismo digital. Ao final, encontram-se as considerações finais.

## Manifestações da cultura popular

O caráter plural da cultura brasileira, resultante de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço, exige um constante olhar atento às manifestações culturais que se processam no país.

Schwarcz e Starling (2015) observam que “a alma mestiça do Brasil” é resultado de uma mistura original entre ameríndios, africanos e europeus.

De tanto misturar cores e costumes, fizemos da mestiçagem uma espécie de representação nacional. De um lado, a mistura se consolidou a partir de práticas violentas, da entrada forçada de povos, culturas e experiências na realidade nacional. Diferente da ideia de harmonia, por aqui a mistura foi matéria do arbítrio. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 15)

Para as autoras, a diversidade cultural é uma das grandes realidades do país, marcado e condicionado pela separação e pela mistura desse longo processo de mestiçagem. “Nossos vários rostos, nossas diferenciadas feições, nossas muitas maneiras de pensar e sentir o país comprovam a mescla profunda que deu origem a novas culturas, porque híbridas de tantas experiências” (2015, p. 15).

Da fixação dos portugueses no território brasileiro, especialmente para iniciar o plantio da cana-de açúcar por volta de 1530, aos dias atuais, essa fusão de culturas no Brasil foi intensificada em diferentes períodos, a exemplo do que ocorreu após a abolição da escravidão (1888), quando o governo incentivou a vinda de imigrantes europeus para atender às necessidades de fazendeiros quanto à mão-de-obra para as lavouras de café.

Em meio a esse mosaico étnico e cultural, a própria definição de patrimônio cultural é abrangente. “[...] a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, incluindo não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos” (Barretto, 2002, p.11).

São, assim, na cultura brasileira, variadas as práticas, como o são as formas de absorvê-las e compreendê-las. Nesse sentido, cabe a citação de Hall (2006, p. 59), quando afirma que “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Além disso, também é mister a compreensão de que as práticas culturais, com o tempo, se ramificam, se multiplicam, se difundem e ora se entrelaçam delineando encontros e desencontros no tripé “cultura erudita, cultura de massa e cultura popular”. É a partir dessa noção, que uma definição única de cultura popular ou mesmo das manifestações dela oriundas se torna inviável. Mas há, por outro lado, o entendimento de que, como assinala Canclini (1989), o popular é algo construído, mais que preexistente, e, assim, pensar as tradições não exclui, ao contrário, exige, refletir sobre transformação. Para o autor, o termo tradição não implica, necessariamente, uma recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições.

As manifestações culturais populares, hoje no centro do espaço ocupado pelos estudos folkcomunicacionais, podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos, até porque, “com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não” (Castelo Branco, 2007, p. 66).

Assim, embora as manifestações da cultura popular, em sua origem, guardem conaturalidade entre a prática e os seus participantes, diversos autores observam que, em determinadas realidades, a apropriação de muitas destas práticas pelo turismo ou empresas midiáticas, gera a espetacularização e o afastamento das manifestações de suas raízes. “Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando seu teor original de enraizamento” (Bosi, 1987, p. 11).

Muitas dessas manifestações, ao passar por processos de mediações e transformações, acabam chegando ao completo desaparecimento, enquanto outras apenas assimilam novos ingredientes, mas continuam externando intenções, aspirações e olhares de suas comunidades.

Para Trigueiro (2007), observações e interpretações dessas manifestações populares permitem aos estudiosos descobrirem os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da cultura brasileira e, conseqüentemente, o desenvolvimento da identidade. As manifestações populares características de um povo, como festas religiosas ou profanas, oportunizam, nesse sentido, não apenas a compreensão do fazer artístico, mas também o entendimento das relações sociais.

## **A Páscoa como um espaço de manifestações populares**

Durante a Semana Santa, celebrações e outros aspectos religiosos caracterizam esse período em que, fiéis cristãos recordam a morte e a ressurreição de Cristo. Além disso, essa época é também marcada por manifestações populares, que, em algumas regiões brasileiras, perdem, aos poucos, a intensidade, mas em outras ganham novos ingredientes, assim persistindo.

Entre elas, a “serra dos velhos”, brincadeira que acontece na noite de quinta-feira, é, normalmente, comandada por um grupo de rapazes conduzindo serrotes, chocalhos e latas, e que se dirige a porta da casa de um “velho” para ler um testamento. Em meio ao barulho que acorda a vizinhança, os rapazes indagam o destino dos bens do senhor, provavelmente alguém avarento ou que enriquecera rapidamente.

Já a “Mi-Carême” é comemorada principalmente no Sábado de Aleluia, com cunho carnavalesco e que recebeu, no Recôncavo Baiano, o nome de “micareta”, uma evolução da palavra francesa. Os festejos duram, em geral, do Sábado de Aleluia até a quarta-feira seguinte. Nos dias de hoje, não se cumpre exatamente essa data. A micareta, carnaval fora de época, como ficou conhecida no Brasil, é festejada o ano inteiro, em datas variadas, com trios elétricos, em muitos estados do país, sendo também fonte de lucro, pauta na mídia e boa oportunidade de divulgação para empresas.



## Malhação do Judas

O caráter plural da cultura brasileira, resultante de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço, exige um olhar atento às manifestações populares que se processam no país.

Entre as tradições comuns à Semana Santa, está, ainda, a malhação do Judas, realizada na madrugada ou na manhã do Sábado de Aleluia. Tradição herdada da Península Ibérica e disseminada em boa parte dos países da América do Sul, desde a época colonial, trata-se de brincadeira no qual Judas, representado por um boneco, é encarado como traidor, uma vez que vendeu Jesus por algumas moedas, e merecedor da morte, sendo atacado a pauladas ou queimado em locais públicos, como ruas ou praças (Mota, 1981).

A origem do costume remonta aos processos inquisitórios instalados pela Igreja Católica. Durante a Idade Média, a Igreja Católica conquistou e manteve grande poder. Possuidora de muitas terras férteis da Europa e com grande peso nas decisões políticas dos reinos, interferia na elaboração das leis e estabelecia padrões de comportamento moral para a sociedade. Religião única e oficial, a Igreja Católica oprimia opiniões e posições contrárias aos seus dogmas, perseguindo e punindo os que desrespeitassem ou questionassem suas diretrizes. A Igreja Católica criou a Inquisição no século XIII, para combater os hereges (contrários à religião católica). Para sufocar essas manifestações contrárias à doutrina oficial, eram empregados dois meios: a Inquisição e as novas ordens monásticas.

A Inquisição, nome que deriva do verbo latino *inquirere* (inquirir), prendeu, torturou e mandou para a fogueira aqueles que não seguiam às ordens da Igreja. No começo, esse recurso era utilizado como modo de processo penal instaurado pelo papa Lúcio III (1181-1185) e adotado por Inocêncio III (1198-1216). O processo compreendia a visita ou inspeção do inquisidor, sermão a tempo de graça, inquérito com denúncia e citação dos suspeitos, interrogatório dos acusados, audiência das testemunhas, defesa do advogado, vexação, tortura, auto-de-fé e exame do apelo ao papa. O inquisidor fazia um sermão no qual convocava os culpados a apresentarem-se em determinado lugar, no espaço de 15 dias a um mês, que, por isso, é chamado tempo de graça. As pessoas que cumprissem esse tempo recebem castigos mais leves. Do contrário, caberia a prisão (Jácome, 2014).

O interrogatório baseava-se nas acusações aduzidas. Antes de respondê-las, o acusado jurava com as mãos sobre o Evangelho. A vexação ou constrangimento era efetuada visando à confissão de heresia. Depois de proferida a sentença, realizava-se uma sessão pública, onde a sorte dos acusados era definitivamente decidida. Dessa sessão, participa o maior número de pessoas possível, recebendo o nome de “auto-de-fé”, o último momento para que os acusados renunciassem às heresias. Os que, nessa hora final, optassem por morrer católicos, eram mortos e depois queimados; os demais eram queimados vivos. Para os que fugissem, eram feitos manequins simbolizando as pessoas, sendo esses também queimados, ritual do qual, historicamente, deriva o costume de queima do boneco que representa Judas.

No contexto da Baixa Idade Média (séc. XI a XV), reside um dos processos inquisitórios mais conhecidos historicamente. Entre 1337 e 1453, a França e a Inglaterra travaram a Guerra dos Cem Anos, por várias razões políticas e econômicas. Nos primeiros anos de guerra, os ingleses, melhor organizados e com excelente infantaria, acumularam vitórias, mas, em 1429, um fato mudaria o curso da guerra em favor dos franceses.

Comandando um pequeno exército enviado por Carlos VII, a camponesa Joana d'Arc libertou Orléans, região sitiada pelos ingleses, fato que impulsionou outras vitórias francesas, até a conquista de Reims. Carlos VII foi, então, coroado rei da França, em meio ao entusiasmo nacional. Para conter os ânimos nacionalistas dos franceses, reavivados por Joana d'Arc, os ingleses a aprisionaram. Ela foi julgada por um tribunal da Igreja, sob a acusação de heresia e bruxaria. Acabou condenada e queimada viva em Rouen, em 1431 (Arruda; Pilletti, 2000). Joana d'Arc foi santificada pela Igreja Católica no início do século XX.

“E assim, muitos inocentes padeceram na fogueira, terminando por criar, no folclore, um rito de sacrifício através da ‘Queimação do Judas’ como forma de expiação” (Mota, 1981, p. 15). Mota acrescenta, ainda, que a transfiguração folclórica da “Queimação do Judas” é uma das provas de que o aparato inquisitorial conseguia moldar a alma popular, incutindo-lhe, ódios e preconceitos.

Ante o exposto, compreende-se o ritual anual, na Páscoa, da morte do Judas, o “traidor de Jesus”, o que remete à antiga prática utilizada na Inquisição. Com a evolução da tradição, o boneco passou a ser pendurado em postes ou colocado em portas de determinadas personalidades, “quando o povo aproveitava para criticar os atos condenáveis de indivíduos que, por algum motivo, lhe caíram no desagrado” (Beltrão, 1971, p. 123).

Historicamente, a intenção de sátira na queima do Judas não poupou sequer a corte portuguesa no Brasil Colonial, à época de D. João VI, quando o divertimento foi proibido:

Bem avisado andou o Intendente geral da polícia pois no sábado santo de 1821, três dias antes do embarque da corte para Lisboa, um magote compacto de arruaceiros enforcou e queimou em efígie a céu descoberto, em vez do Judas tradicional, alguns personagens conspícuos da administração, entre eles o próprio Intendente geral e o comandante militar da polícia (Lima, 1945, p 105).

A retomada do costume ocorre já pós-movimento de Independência do Brasil e é observada em 1831 pelo artista francês Jean-Baptiste Debret, que veio para o Brasil com a Missão Artística Francesa, em 1816, e permaneceu por quase dezesseis anos. Seu relato encontra-se na obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, com três volumes, publicados de 1834 a 1839: “Graças a um concurso de circunstâncias, vimos ressurgir, na quaresma, esse antigo divertimento caído em desuso há mais de vinte anos, ou melhor, proibido no Brasil desde a chegada da Corte de Portugal, sempre desconfiante dos ajuntamentos populares.” (Debret, 1940, v. III, p. 191).

Observa-se, por meio do relato de Debret, que, desde os primeiros anos do “novo país”, recorre-se à tradição em foco para críticas políticas, com a incorporação da figura de homens do governo à de Judas:

O temor é perfeitamente justificável ante a aproximação das novas constituições liberais, pois três dias antes de minha partida do Rio de Janeiro, no sábado de Aleluia de 1831, viu-se nas praças da cidade um simulacro do enforcamento de alguns personagens importantes do governo, como o ministro intendente geral [...]. (Debret, 1940).

O artista francês ressalta que o ritual adquiria proporções de festa popular, um espetáculo cenográfico e teatral que atraía grande público:

Compassiva justiça que serve de pretexto a um fogo de artifício queimado às dez horas da manhã, no momento da Aleluia, e que põe em polvorosa toda a população do Rio de Janeiro entusiasmada por ver os pedaços inflamados desse apóstolo perverso espalhados pelo ar com a explosão das bombas e logo consumidos entre os vivas da multidão! Cena que se repete no mesmo instante em quase todas as casas da cidade.

[...]

Nos bairros comerciais a ilusão é mais completa, mas também mais dispendiosa. Os empregados se cotizam para mandar executar, pelo costureiro e fogueteiro reunidos, uma cena composta de várias peças grotescas, aumentando

consideravelmente o divertimento sempre terminado com o enforcamento do Judas pelo Diabo que serve de carrasco [...]. A figura indispensável, capital, é a do Judas, de blusa branca (pequeno dominó branco de capuz, usado pelos condenados); suspenso pelo pescoço a uma árvore e segurando uma bolsa suposta cheia de dinheiro, tem no peito um cartaz quase sempre concebido nestes termos eis o retraio de um miserável, supliciado por ter abandonado seu país e traído seu senhor. Um Diabo com formas e face tenebrosa, a cavalo sobre os ombros da vítima, faz as vezes de carrasco e parece apertar com o peso de seu corpo o laço que estrangula o condenado. (Debret, 1940).

O ritual narrado é retratado em suas aquarelas, impressas na citada obra por meio de litografias, nas quais é possível observar representações da malhação de bonecos no Rio de Janeiro, no Sábado de Aleluia, na década de 1830:

### **Imagem 1 – Representação da malhação do Judas na década 1830**



**Fonte:** Debret (1834-1839), edição de 1940.

### **Imagem 2 – Aquarela de Debret retrata a tradição popular**



**Fonte:** Debret (1834-1839), edição de 1940.

Ao longo das décadas, a malhação do Judas ganhou contornos próprios em diferentes regiões brasileiras, em muitos casos, mantendo a prática de correlacionar o boneco com determinadas figuras odiadas pelas pessoas do bairro ou da população em geral.

Se numa esquina de Rocha Miranda, o linchamento podia sobrar para um comerciante “careiro”, numa praça de Jacarepaguá, o boneco podia estar “homenageando” um vizinho rabugento e fofoqueiro. Mas algo que se via com muita frequência, por toda a cidade, eram bonecos representando políticos e autoridades do momento - desde um Vereador até o Presidente da República. (Sampaio, 2023).

Esses aspectos levantados por Sampaio balizam o ritual da Malhação do Judas em cidades brasileiras, o que fica evidenciado com a análise das matérias selecionadas para este estudo, ainda a ser exposta neste artigo.

## **Manifestação Folkcomunicacional**

A folkcomunicação é entendida como um sistema complexo de comunicação, analisado dentro de um recorte social, porém, contextualizado no tempo, no espaço e em suas condições sociopolítica-econômicas. Objetiva contribuir para o desenvolvimento regional, a inclusão e transformação social, além da promoção da integração em sociedade, a partir da compreensão das mensagens populares, sendo observada a necessidade de atuação para que o indivíduo “torne-se pessoa”, como assinala Adísia Sá (1976).

A partir dessa noção preliminar, entende-se que a pesquisa na área folkcomunicacional trabalha com um objeto próprio - as manifestações informativas e comunicacionais no âmbito da cultura popular e, ainda, suas possíveis relações com outros sistemas -, e dispõe, na atualidade, de referencial teórico construído a partir da década de 1960, com passos dados por Luiz Beltrão, o que possibilitou a delimitação da Folkcomunicação como disciplina e área de estudo no Brasil.

O estímulo à produção científica nessa área pode ser, claramente, atribuído a José Marques de Melo, além do conhecimento por ele produzido e difundido em eventos científicos, livros, artigos sobre o assunto. Para este estudo, toma-se como referência a obra de sua autoria *Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da*

Folkcomunicação (2008), por oferecer relevante proposta de classificação dos objetos de estudo folkcomunicacionais a partir de gêneros e formatos (Fernandes; Woitowicz, 2018).

Embora já houvesse proposto, em outras duas oportunidades (1979 e 2006), classificações referentes aos Gêneros da Folkcomunicação, Marques de Melo traz, na citada obra, atualização desses estudos anteriores. Ele esclarece que a primeira proposta para classificar a Folkcomunicação em gêneros, formatos e tipos surgiu em um diálogo entre ele e Beltrão ainda na década de 1970 e que, posteriormente, no ano de 1979, o pesquisador pernambucano sistematizou o esboço dos Gêneros Folkcomunicacionais, quando propôs o conteúdo programático da disciplina “Sistema de Comunicação”. Essa sistematização também fora objeto de atualização, pelo próprio Beltrão, em 1980.

Na obra *Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação*, Marques de Melo reorganiza a classificação com algumas alterações e agrupa os formatos em quatro gêneros. Sugere, para a Folkcomunicação Escrita, a denominação Folkcomunicação Visual, sob o argumento do risco reducionista do termo “escrita”: “o gênero primeiramente denominado de ‘Folkcomunicação Escrita’ passa a ser rotulado como ‘Folkcomunicação Visual’, incluindo não apenas as expressões ‘manuscritas’, mas também as ‘impressas’ e as ‘pictográficas’, todas captadas através da visão” (Marques de Melo, 2008, p. 90).

O autor também assinala o desafio de separação da Folkcomunicação Oral e da Folkcomunicação Musical, optando por considerar apenas a Folkcomunicação Oral, que, em seu entendimento, já abrangia as manifestações típicas da Folkcomunicação Musical. Outros gêneros – Folkcomunicação Icônica e Folkcomunicação Cinética – permanecem, como já tipificados nas classificações anteriores, a partir da proposta original de Luiz Beltrão.

A classificação sugerida por Marques de Melo, em gêneros, formatos e tipos, pode ser sintetizada a partir deste entendimento: (a) o de gêneros (forma de expressão determinada pela combinação de canal e código); (b) o de formatos (estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de interações – emissor – e de motivações – receptor); e (c) o de tipos (variação estratégica determinada pelas opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção).

Visualiza-se, assim, quatro gêneros que agrupam diversos formatos e tipos:

- a) Gênero Folkcomunicação Oral
- b) Gênero Folkcomunicação Visual
- c) Gênero Folkcomunicação Icônica
- d) Gênero Folkcomunicação Cinética.

É no bojo dessa proposta que Marques de Melo classifica a Queimação do Judas como do gênero “folkcomunicação cinética”, com formato “manifestação”, o que pode ser melhor compreendido a partir da Tabela a seguir:

**Tabela 1 – Gênero Folkcomunicação Cinética**

<b>Formato</b>	<b>Tipos</b>
Agremiação	Bloco carnavalesco Clube de mães Comunidade de base Escolas de samba Escola dominical Mutirão Troça
Celebração	Afoxé Candomblé Macumba Missa crioula Procissão Peregrinação Toré Umbanda Vigília a Iemanjá
Distração	Amarelinha Bazar Capoeira Circo Mambembe Horóscopo Jogo do bicho Mafuá Mamulengo Pelada da várzea Quermesse Rodeio crioulo Tourada Vaquejada
Manifestação	Campanha Comício

	Desfile Greve Marcha Passeata Parada <b>Queima de Judas</b> Trote de calouros
Folguedo	Baiana Bumba-meu-boi Cavalhada Chegança Caboclinho Fandango Folia de reis Guerreiro Marujuada Maracatu Pastoril Reisado Taieira
Festejo	Carnaval Festa cívica Festa da padroeira Festa da produção Festa do divino Festa junina Festa natalina Micareta Forró Funk carioca Rap paulista
Dança	Batuque Caiapó Catira Congada Cururu Coco-de-roda Dança de Moçambique Flamengo Galope Jongó Marcha-rancho Maxixe Mazurca Quadrilha Samba Sapateado Tango



	Ticumbi Valsa Xaxado
Rito de passagem	Aniversário natalício Batizado Bodas Chá de bebê Chá de cozinha Despedida de solteiro Formatura Velório

**Fonte:** Castelo Branco, 2020, p. 253-254.

Destacando-se que a classificação proposta não tem caráter definitivo nem tampouco o rol dos tipos folkcomunicacionais seja exaustivo, coloca-se que autores como Maria Cristina Gobbi e Guilherme Moreira Fernandes (2013) já sugeriram inclusões nos tipos listados por José Marques de Melo, o que também fez Castelo Branco (2020), quando destacou, por exemplo, a importância das bandeiras de mastro de santos padroeiros (tecido pintado com imagem de santo e fixado em mastros com hasteamento em festejos religiosos) constarem como tipo do formato devocional / gênero folkcomunicação icônica.

No que tange à malhação do Judas, sua constituição como veículo folkcomunicacional se justifica a partir da ideia de que se revela como manifestação no âmbito da cultura popular - ainda que com possíveis relações com outros sistemas, por meio da qual membros de comunidades expressam suas mensagens, anunciam suas críticas e indicam seus desafetos. É, nesse sentido, portanto, um veículo informativo, um dispositivo “folk”.

### Prática folkcomunicacional noticiada pelo jornalismo digital

Sendo categorizada por José Marques de Melo (2008) como uma manifestação folkcomunicacional do gênero cinético, a prática da Malhação do Judas enquanto expressão popular é costumeiramente noticiada por veículos jornalísticos no período da Semana Santa. Para este estudo, definiu-se como observáveis três portais de estados do Norte e do Nordeste brasileiro, sendo eles: a) O Povo (Ceará - <https://www.opovo.com.br/>); b) O Liberal (Pará - <https://www.oliberal.com>) e c) Folha BV (Roraima – <https://www.folhabv.com.br/>).

Compõem a amostra, uma matéria de cada um dos portais, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Notícias analisadas

Portal	Título da Notícia	Data da Publicação	Autoria
O POVO	Malhação do Judas: Bolsonaro, Lula, Moro e Moraes são ‘alvos’ em Fortaleza	28/03/2024	Gabriela Monteiro
O LIBERAL	<b>Malhação de Judas: evento reúne tradição e brincadeiras no bairro da Cremação em Belém</b>	30/03/2024	Eva Pires
FOLHA BV	<b>Fumaça será malhada como Judas neste ano</b>	30/03/2024	José Magno

Fonte: Autor, 2024

A matéria intitulada “Malhação do Judas: Bolsonaro, Lula, Moro e Moraes são ‘alvos’ em Fortaleza”, assinada por Gabriela Monteiro e veiculada no portal O Povo no dia 28 de março de 2024 mostra, em texto e fotos, que são destaques, nas ruas da cidade, bonecos que representam personalidades políticas, a exemplo do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), do ex-presidente Jair Bolsonaro (Partido Liberal), do atual senador Sergio Moro (União Brasil) e do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

### Imagem 3 – Bonecos em Fortaleza



Fonte: Portal O Povo - 28/03/2024

**Crédito:** Aurélio Alves

Como realça Sampaio (2023), a tradição em estudo acaba por ser um meio encontrado pela população para externar críticas a políticos e autoridades. Em igual sentido, citado na matéria em análise, o professor de Direito Constitucional Comparado da Universidade Federal do Ceará (UFC), Emmanuel Furtado Filho, explica que, simbolicamente, a brincadeira também pode ser visualizada como ritual de remissão do mal na comunidade. Com a queima dos desafetos, reforça-se a ideia de recomeço e renovação.

Já a notícia veiculada no Portal O Liberal “Malhação de Judas: evento reúne tradição e brincadeiras no bairro da Cremação em Belém”, a crítica não se dirige diretamente a personalidades do cenário nacional nem local, mas sim a questões sociais e ambientais que a comunidade enxerga como problemas não resolvidos.

Imagem 4 – Confeção de Judas em Belém



Fonte: Portal O Liberal – 30/03/2024

Crédito: Ivan Duarte

Aspecto interessante dessa notícia é o registro de que, no bairro da Cremação, em Belém, existe uma associação de malhadores de Judas que, desde o início do ano, trabalha de forma organizada e sequenciada para, na Semana Santa, realizar uma apresentação dos bonecos que vira em torno de temática pré-definida. Em 2024, os temas são **guerra, desmatamento e garimpo ilegal**.

Membro da associação, José Nascimento detalha na notícia o trabalho realizado: “Teremos seis bonecos neste ano, que são produzidos de materiais reciclados, como miriti, papel picado e goma. As roupas são doadas ou compradas em brechó”.

A atuação de uma associação que organiza essa manifestação reforça o próprio conceito de Folkcomunicação na gênese da teoria beltraniana, como sendo “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Beltrão, 2001, p. 79).

Observa-se, portanto, que a malhação do Judas em Belém encaixa-se no que se considera nas manifestações folkcomunicaçãois, a partir do entendimento de que informação, transmutada em opinião, processa-se através da sátira, da crítica, da caricatura e

dos símbolos. Outro traço singular que caracteriza a ação paraense é a conaturalidade entre os eventos e os seus participantes, aspecto singular das manifestações populares (Castelo branco, 1997).

A terceira das notícias em análise - “Fumaça será malhada como Judas neste ano” - é assinada por José Magno e veiculada no dia 30 de março de 2024. Extrai-se de seu conteúdo que moradores de Boa Vista fazem uso dessa tradição para externar repúdio em relação às queimadas na região, problema que, entre outros aspectos, afeta a qualidade do ar e a vida dos habitantes do estado: “As queimadas ilegais têm sido uma preocupação devido ao período de estiagem e à frequente ocorrência de incêndios no Estado, resultando em uma cobertura de fumaça sobre a capital e outros municípios”.

**Imagem 5 – Judas em Boa Vista**



**Fonte:** Portal FolhaBV – 30/03/2024

Crédito: Nilzete Franco

Observa-se, mais uma vez, a tradição da malhação do Judas adquirindo novo sentido para estar em sintonia com o contexto atual e os anseios dos moradores. Nesse rumo, vale recuperar o pensamento do folclorista Edson Carneiro (1977), quando afirma que o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo.

Além disso, é possível aferir, com a matéria em análise, que mensagens oriundas da comunicação popular alcançam, por meio do jornalismo digital, um público que vai além dos membros da comunidade emissora da informação, para, assim, dar visibilidade, a um número maior de receptores, a suas ideias, visão de mundo, valores e saberes.

## Considerações finais

A Semana Santa é um período efervescente em termos culturais no Brasil, não restringindo-se, no caso brasileiro, as práticas aos ritos oficiais religiosos cristãos. Entre as tradições populares dessa época, está a malhação do Judas, manifestação já categorizada por José Marques de Melo como tipologia folkcomunicação.

Entendendo-se o caráter não estático da cultura, procurou-se revisitar o citado costume, à luz da Folkcomunicação, para melhor compreendê-lo enquanto rito que se reinventa para, como prática popular, externar críticas e anseios das comunidades que a vivenciam na atualidade. Amplia-a, assim, a compreensão da Folkcomunicação como campo de estudo dos procedimentos comunicacionais por meio dos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, sociabilizam-se, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (Hohlfeldt, 2002).

Por meio da análise de notícias veiculadas, durante a Semana Santa de 2024, em três portais de estados do Norte e Nordeste Brasileiro - O Povo (Ceará), O Liberal (Pará) e Folha BV (Roraima) - emerge a confirmação de observações empíricas acerca da ressignificação dessa prática, que continua a ser utilizada por comunidades à margem do contexto midiático como forma de comunicar singularmente suas mensagens.

Desse material jornalístico, extrai-se que grupos de moradores, mesmo em tempos de smartphones, internet e redes sociais digitais, recorrem a essa tradição para malhar seus desafetos, a exemplo de políticos e personalidades do meio jurídico nacional.

Além disso, em caráter inovador, os moradores das regiões noticiadas comunicam seu repúdio diante de problemas sociais e ambientais, como guerra, desmatamento e garimpo ilegal. O boneco do Judas assume, nesses casos, natureza de crítica social, meio de

sensibilização e conscientização da sociedade em torno de questões ainda não encaradas, de forma satisfatória, pelos gestores públicos.

De modo mais específico, como noticiado pela FolhaBV, no estado de Roraima, o boneco assume o “lugar” do próprio problema ambiental objeto de reclamação dos moradores: a fumaça. Gera-se, assim, por meio de trajes de cor preta, associação direta com as queimadas ilegais que acontecem na região. Nesse caso, punir e “matar” o boneco é, por analogia, um clamor à resolução desse infortúnio.

Face a essa simbologia, entende-se que, nos dias atuais, o Judas tanto pode ser um boneco confeccionado sem relação concreta e direta com o personagem histórico-cristão, mas acaba por preservar a identificação com a figura do traidor de Jesus de Nazaré no sentido de representar algo que deva ser sacrificado, exterminado. Por isso, nas notícias investigadas, encontra-se a correlação às personalidades ou às autoridades políticas, alvos das queixas que partem da comunidade.

Fomentar reflexões sobre os diferentes sentidos que a malhação pode assumir historicamente e observar a renovação de sua prática, entendendo quem ou o que o boneco do Judas personifica, é uma significativa oportunidade para a melhor compreensão das ações comunicacionais à luz da teoria engatada por Luiz Beltrão.

Nesse sentido, reafirma-se, portanto, o caráter folkcomunicação da tradição estudada, entendendo-se que nela, com o tempo, traços se modificam, em diferentes ritmos em cantos distintos do país, encontrando-se, na atualidade, nos casos relatados, forte caráter de crítica voltada à transformação social.

Por fim, além de contribuir para minimizar as lacunas bibliográficas ainda existentes em torno da malhação do Judas, estima-se que estudos dessa natureza impulsionem novas investigações científicas acerca de variadas formas comunicacionais encontradas por comunidades e grupos de moradores para possibilitar o alargamento de portas e janelas para diálogos com seus públicos de interesse em busca do encaminhamento de demandas sociais.

## Referências

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARRUDA, J. Jobson; PILLETTI, Nelson. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 2000.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2000. Coleção Turismo.
- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1989.
- CASTELO BRANCO, Samantha. O Pensamento Folkcomunicacional de José Marques de Melo. In: GOBBI, Maria Cristina; RENÓ, Denis (Orgs.). **Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano**. 1a edição. Aveiro: Ria Editorial, 2020. p. 237-263.
- CASTELO BRANCO, Samantha. Manifestações Culturais. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.
- DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. t. 1. v. 1 e 2. Biblioteca Histórica Brasileira. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view>. Acesso em: 17 abril 2024.
- DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. t. 2. v. 3. Biblioteca Histórica Brasileira. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view>. Acesso em: 17 abril 2024.
- GOBBI, Maria Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. José Marques de Melo e os estudos científicos da Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa/PR, Volume 11, Número 22, p. 10-28, jan./abr. 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOHLFELDT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom 2002. **Anais [...]**, Salvador, 2002.
- JÁCOME, Afrânio Carneiro. O Direito Inquisitorial no regimento português de 1640: a formalização da intolerância religiosa (1640-1774). Dissertação de Mestrado. Programa de



Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB: João Pessoa, 2014.

LIMA, Oliveira. **Dom João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1945.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins e Fontes, 2003.

MAGNO, José. Fumaça será malhada como Judas neste ano. Portal FolhaBV, 30 de março de 2024. Disponível em <https://www.folhabv.com.br/variedades/fumaca-sera-malhada-como-judas-neste-ano/>. Acesso em 1 abr 2024.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular**. São Paulo: Paulus, 2008.

MENDES, Andréa Regina Moura. A malhação do Judas: rito e identidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MONTEIRO, Gabriela. Malhação do Judas: Bolsonaro, Lula, Moro e Moraes são “alvos” em Fortaleza. Portal O Povo, Fortaleza, 28 de março de 2024. Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2024/03/28/malhacao-do-judas-bolsonaro-lula-moro-e-moraes-sao-alvos-em-fortaleza.html>. Acesso em: 29 mar 2024.

MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro, Record, 1987.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. **Queimação de Judas: catarismo, inquisição e judas no folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981. p.15.

PIRES, Eva. Malhação de Judas: evento reúne tradição e brincadeiras no bairro da Cremação em Belém. Portal O Liberal. 30 de março de 2024. Disponível em <https://www.oliberal.com/belem/malhacao-de-judas-evento-reune-tradicao-e-brincadeiras-no-bairro-da-cremacao-em-belem-1.797365#:~:text=O%20evento%20consiste%20em%20surrar,popular%20at%C3%A9%20n%C3%A3o%20restar%20nada>. Acesso em 1 abr 2024.

SÁ, Adísia. Filosofia e Comunicação. Tese de Livre-docência apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco. Fortaleza/Ceará, 1976.

SAMPAIO, Daniel. Malhação do Judas, uma tradição quase extinta. Veja Rio. Rio de Janeiro: Abril, 2023. Publicado em 6 abr 2023. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/daniel-sampaio/malhacao-do-judas>. Acesso em: 25 março 2024.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas Populares. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

WOITOWICZ, Karina Janz; FERNANDES, Guilherme Moreira. José Marques de Melo e a história da Folkcomunicação: contribuições para o estudo da comunicação dos marginalizados. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2018. p. 69-84.